

SPLEEN E ESCRAVIDÃO: A MELANCOLIA SENHORIAL EM DOM CASMURRO E BRÁS CUBAS

Marco Cícero CAVALLINI¹

- **RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão sobre os significados da melancolia nos romances de Machado de Assis.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis. Melancolia. Escravidão.

Intenções casmurras

Muitas dúvidas pairam sobre as intenções do narrador Bento de Albuquerque Santiago e sobre a verdade a respeito da traição de Capitu. Dúvidas que não se dissiparam após a série de estudos sobre o romance, que acumularam mais interrogações a esse respeito. O que mostrou a qualidade da obra, cujo mistério e fascínio aumentaram após as várias análises.

No segundo capítulo de suas memórias, o Casmurro fala sobre os motivos que o levaram a escrever:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltasse os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. (Dom Casmurro, cap. II)².

¹ UEM – Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Departamento de História. Maringá – PR – Brasil. 87020-900 – ciceromarco@hotmail.com

² Quando a citação for de algum romance de Machado de Assis, apenas indicarei a obra e o capítulo, o que facilitará a consulta em qualquer edição. O texto fonte das citações deste artigo é o da *Obras Completas* da editora Nova Aguilar, 1997.

Anterior à justificativa de atar as duas pontas de sua vida, o narrador conta que havia reproduzido no Engenho Novo a casa em que se criara na antiga Rua de Matacavalos, buscando dar-lhe “o mesmo aspecto e economia” daquela outra.

Há aqui, além de uma consciência da dificuldade de se restaurar o passado, uma obsessão e um enigma, obsessão pelo vivido e o enigma do próprio narrador não se reconhecer em suas reminiscências.

Em meio às razões e justificativas de escrever sobre sua vida, Santiago oscila entre a luz e a sombra. Cansado da monotonia, ele pensa em escrever um livro sobre jurisprudência, filosofia e política, mas o ânimo lhe falta; idealiza fazer uma *História dos Subúrbios*, porém a exigência de uma disciplina árida e longa para a compilação de documentos e datas, logo o faz desistir. Até que, sentado na sala principal de sua casa reconstituída, Santiago tem uma visão: os bustos de César, Augusto, Nero e Massinissa, pintados ao centro das paredes, entram a falar-lhe e o estimulam a contar sua história uma vez que eles próprios não podiam recompor-lhe os tempos idos:

Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras ...?

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. (Dom Casmurro, cap. II, grifo do autor).

A restauração do passado pelas engenharias da construção civil e da narrativa, bustos conselheiros, inquietas sombras, a intenção de viver o que foi vivido e o sentimento de ausência de si mostram que o narrador, mesmo se descontando o possível lirismo, não é nada claro nas suas intenções e bastante perturbado com o que viveu. Em suas justificativas há um clima de mistério e uma dubiedade mal dissimulada, como a tentativa de demonstrar desinteresse e objetividade no relato ao mesmo tempo em que diz estar emocionalmente tomado pelas lembranças.

D. Casmurro já foi lido, relido e debatido. Sabe-se que o narrador monta suas memórias com o intento de mostrar como foi seduzido, apaixonou-se, casou e foi traído por uma mulher **oblíqua** e **dissimulada**, Capitu. Pior que isso, é que sua companheira o traiu com seu melhor amigo, Escobar, e o filho que pensava ser seu era na verdade deste, fruto e prova da traição. Este é o sentido impresso pelo próprio Casmurro à história de sua vida.

Helen Caldwell foi a primeira estudiosa a decifrar, em seu *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, a armadilha narrativa preparada pelo autor de D. Casmurro. O trabalho de Caldwell, publicado sessenta e um anos após a obra de Machado,

demonstrou a inconsistência das “evidências” de adultério apresentadas no romance e a injustiça feita a Capitu, que teria sido condenada, sem direito a defesa, pelos vários leitores que partilharam da argumentação do narrador, a carregar o estigma da mulher dissimulada e infiel. As memórias de Casmurro não passariam de uma peça de acusação muito bem urdida por um marido movido pelo ciúme patológico. Caldwell (2008) sugere esta interpretação a partir do paralelo que estabelece entre a história de Bentinho e a do drama Othelo de Shakespeare, no qual a cegueira causada pelo ciúme extremo leva o personagem ao engano, o da acusação infundada da traição feminina, e ao assassinato de Desdêmona.

O estudo de Gledson (1991), Machado de Assis: impostura e realismo, leva adiante as conclusões de Caldwell, e revela outros aspectos fundamentais da construção narrativa de Machado: a relação do leitor com o narrador condiciona o entendimento do romance. O narrador é criado de modo a interferir na compreensão da história e o leitor só conseguirá enxergar por si próprio quando desconfiar das intenções ou da neutralidade deste. E ainda os romances da segunda-fase tornar-se-iam verdadeiras expressões da visão de mundo de seus narradores, que pertencem à classe senhorial.

A simetria entre Casmurro e Otelô, Capitu e Desdêmona levou a uma reviravolta na leitura do romance de Machado de Assis - ao menos entre os críticos literários. Desde então, a obra passou a ser lida sob outra perspectiva, como uma história dos ciúmes de Bentinho e o narrador casmurro como alguém em quem não se podia confiar. O que proponho aqui é uma reflexão sobre o estado de ânimo de Santiago, e uma justificativa para as razões de ser dessas sensações enigmáticas de **falsificação** (“Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente”; “semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos” (Dom Casmurro, cap. II)) e de **ausência de si** (“falto eu mesmo, e essa lacuna é tudo” (Dom Casmurro, cap. II)) que declara o narrador a respeito do balanço de sua vida. A autópsia das memórias não é igual à de um cadáver, nelas há indícios de sentimentos e emoções que, não tendo a materialidade do corpo físico que permite a constatação objetiva da causa mortis, admitem, porém, a imaginação das possíveis causas da vida e de seus tormentos.

O pai-dos-burros

Já que é para se desconfiar das intenções, comecemos por duvidar de tudo, o que para alguns já foi bom começo. Desconfiemos do primeiro capítulo, ou antes, questionemos o próprio título do livro que é o seu assunto. Não abandonaremos, assim, o nosso misterioso narrador que afirma a importância dos títulos, pois

“[...] há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.” (Dom Casmurro, cap. I).

No início de sua história Bento de Albuquerque Santiago explica que o título da obra viera da alcunha que lhe lançou um poeta do bairro quando o encontrara, certa noite, no trem da Central, ao voltarem para o Engenho Novo. Chamara-o **casmurro** após zangar-se com o aparente descaso com que lhe ouvira os versos.

Tanto os vizinhos, que não simpatizavam com seus “hábitos reclusos e calados”, como os amigos da cidade, que freqüentemente o convidavam a deixar a “caverna do Engenho Novo”, aprovaram e deram curso ao apelido, acrescentando-lhe o **Dom** por ironia, para emprestar-lhe “fumos de fidalgo” (Dom Casmurro, cap. I).

Bento Santiago desobriga os leitores de consultar os dicionários, já que a palavra do título fora empregada no sentido que lhe dera o vulgo de “homem calado e metido consigo” (Dom Casmurro, cap. I). Porém, como a boa crítica nos meteu na cabeça a mania da dúvida, juntemos a ela a terapêutica mania da pesquisa, que nesse caso é, em parte, epistemológica, e contrariando as recomendações do narrador de si mesmo, vamos atrás dos significados de sua alcunha.

Ao consultarmos os dicionários mais recentes vemos que eles atribuem dois sentidos a casmurro. A primeira definição repete a do Caldas Aulet de 1881, que por sua vez só registra a acepção de indivíduo teimoso, obstinado, cabeçudo. A segunda reproduz o que seria o significado que lhe dera o vulgo na época em que Santiago fora batizado pelo poeta do trem: indivíduo fechado em si mesmo, ensimesmado, sorumbático.

A etimologia de casmurro é controversa e a maioria dos especialistas dá sua origem como incerta e obscura, provavelmente pré-romana. O exame mais substancial sobre a procedência do termo encontra-se no Dicionário Crítico Etimológico Castellano e Hispânico de Joan Corominas (1991), e se assenta na correspondência entre casmurro e o espanhol *cazurro*, antigo *caçurro*, cujo sentido é de grosseiro, maralheiro, malicioso, insociável.

Embora alguns vejam com cautela essa relação devido às acepções um pouco deslocadas entre os vocábulos, não há como negar a ligação pelo menos até 1864, quando o dicionário espanhol-português de Manuel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez (1864) nos apresenta os correlativos de *cazurro* como: “sorumbático; carrancudo, casmurro; diz-se da pessoa taciturna, de poucas palavras e metida consigo; em latim *taciturnus*, *tristis*, na forma antiga significava grosseiro, dizia-se do que usava expressões rudes.” E indica para comparações os verbetes: injurioso, jocoso, festivo, avaro e tacanho.

Tendo em vista essa correlação e a precedência do termo espanhol, acompanharemos o desenvolvimento do cazurro para descobrirmos algo mais sobre o nosso fidalgo Santiago.

Corominas (1991) descreve várias acepções do antigo caçurro que têm em comum a nota pejorativa. Nos séculos XIII e XIV foi freqüente seu emprego no sentido de grosseiro, desavergonhado e chocarreiro referindo-se ao comportamento impróprio diante das mulheres, ou para distinguir palavras desaconselhadas aos homens de qualidade e boa educação. Exemplo dessas palavras caçurras seria o nomear o membro genital de um ou de outro sexo. O termo significando chocarreiro, vinculado a **velhaco** e **astuto**, também foi utilizado para qualificar os artistas de rua pobres, os juglares cazurros constituíram uma categoria especial, eram os jograis da Idade Média com seus gracejos ligados à malícia e à obscenidade.

O sentido pejorativo se agravará com o tempo, a palavra cazurrias será empregada para referir-se aos pecados da carne e, em outras variações, como adjetivo significando **obsceno** ou **vícioso**. Essa carga negativa atinge o máximo quando no Auto de Caín e Abel, do século XVI, um personagem acusa Caín de haver cazurrado seu irmão, querendo dizer, “matado traiçoeiramente” (COROMINAS, 1991). Seguindo esta linha, em português o Elucidario de Viterbo registrará, em 1799, **caçurrento** como sujo, desonesto, ascoroso.

É também no século XVI que a idéia de rusticidade adere ao vocábulo que passa a descrever algumas das qualidades atribuídas aos aldeões e camponeses, incorporando os significados de astuto, malicioso, reservado, insociável, de poucas palavras. Corominas (1991) observa que o dialeto mirandês será considerado falar caçurro, distinguindo-se do português literário, e daí caçurro chegará a significar “terreno inculto”.

Há ainda uma relação bastante próxima entre cazurro e os termos árabes qadūr e qādar, e Corominas (1991) chama a atenção para a impressionante coincidência semântica. As variações desses vocábulos árabes também significam insociável, sujo, imundo, mau, avaro, mesquinho etc. No entanto, o lexicógrafo não admite a possibilidade de que venha daí a origem de caçurro, já que reconhece uma dificuldade de transposição fonética quase insuperável entre o *dal* árabe e a *ç* surda.

Quanto ao termo português **casmurro**, que é o que particularmente nos interessa, parece ser forma recente. Não se encontra registro no dicionário de Antônio de Moraes Silva (1813), no de Eduardo de Faria (1859), nem em Frei Domingos Vieira (1871-1874), e Augusto Cortesão, em seus Subsídios de 1900, cita somente exemplos do século dezenove.

Já em 1932, o dicionário etimológico de Antenor Nascentes aponta para a correspondência entre casmurro, cazurro e o árabe cadzur, insociável. Há ainda uma

sugestão na obra de José Pedro Machado de 1954, que vê relação com o vocábulo italiano *casmulo*, cujo significado principal é o de **burro**, animal híbrido e estéril, nascido do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento; sendo o mesmo termo também empregado no sentido de **bastardo**. Essa linha é pouco explorada e aparentemente mais frágil, mas encontra algum paralelo com uma acepção de *cazurro* que não chegou a ter grande difusão a de *coiceador*, quando aplicado a montarias. Deve-se considerar ainda, com respeito a essa hipótese, as coincidências semânticas entre *casmurro* e algumas das acepções da palavra *burro* tais como *amuado*, *enfadado* e *taciturno*, que Moraes e Silva (1813) registra, enquanto Eduardo Faria (1859) define *burrão* com as mesmas sinonímias, acrescentando que esse termo indica aquele que faz renunciar à conversação, daí derivando a expressão “estar com o burro” significando estar *amuado*, *enfadado*, *taciturno*. Nesse mesmo dicionário encontramos as variações de *amuado*, cuja origem latina é *mulo*, e que em razão da “emperrada obstinação deste animal” refere-se àquele que se agasta por pequeno desgosto, que persiste com silêncio e obstinação no enfado ou que é mau humorado sem causa manifesta (FARIA, 1859).

Sinonímia ternária

Além de buscar na etimologia os contornos e os matizes dos significados de *casmurro*, é possível ampliar nossa compreensão examinando seus sinônimos. Ao se ponderar a relação entre eles se percebe que podem ser ordenados em três grupos. O primeiro descreve uma disposição moral de tristeza e abatimento. O segundo define um estado de agravamento da tristeza pelos termos *taciturno* e *sorumbático*, que se prendem a patologias bastante conhecidas no século XIX, a *melancolia* e a *hipocondria*. Já o terceiro grupo de sinonímias possuem conotações políticas de carácter conservador, junto ao teimoso e obstinado encontramos o **caturreta** e o **emperrado**³.

Quanto ao seu estado moral, Bento Santiago não deixa nenhuma dúvida, já que assume que é calado e metido consigo. Mas há que se destacar, ainda no campo da moral, as acepções antigas do *cazurro* como **malicioso** e **marralheiro**, que indica aquele que teima e insiste, pela persuasão astuta ou com objetivo de enganar, e que encontram eco na crítica que desvenda o narrador ardiloso e advogado falaz por

³ É interessante destacar que **Caturra** foi um pseudônimo utilizado em uma controvérsia sobre “Confissões de uma viúva moça” de Machado de Assis, publicado em 1865 no *Jornal das Famílias*. Raimundo Magalhães Júnior (1981) parece-me demonstrar convincentemente que se tratava de uma falsa polémica, com propósitos de chamar atenção para a obra. Naqueles anos, Machado atuava no *Diário do Rio de Janeiro*, um jornal liberal que fazia oposição cerrada aos conservadores.

trás do atormentado Santiago. Com sentido semelhante, o *Vocabulario Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau (1712-1728) assinala, no século XVIII, uma taciturnidade viciosa que “consiste em calar maliciosamente o que pode ser da conveniência própria, ou alheia”, e outra que indicaria doença, associada à loucura e à fúria.

Na área da psicopatologia, Benthinho já foi comparado ao ciumento obsessivo, completamente tomado pela idéia da traição, que não deixa de ser o obstinado da ópera *casmurra*. Entretanto, esqueceu-se da melancolia patológica que aproxima o fidalgo Bento de Albuquerque Santiago de famosos personagens do século do desencanto, além de relacioná-lo de maneira intrínseca à sua classe por um distúrbio físico e espiritual característico daqueles que, segundo a expressão de Edgar Allan Poe (2003, p.11), pertenciam à “sociedade ennuyée”⁴. A moral, a patologia e a política estão intimamente unidas sob o signo **casmurro**, mas para melhor compreender essa trindade que anima àquela triste memória do Engenho Novo, a apreciação psicopatológica pede um *digest* à part.

Spleen e indigestão

Por um momento, deixemos de lado os léxicos e tomemos as muletas do bom e velho Larousse, digo o *Grand Dictionnaire universel du XIX siècle* (1866-1876)⁵. Em seus verbetes sobre a hipocondria e a melancolia encontramos o necessário para formar uma boa noção sobre estes dois males que tanto perturbaram as ilustres cabeças do oitocentos.

Utilizo-me do Larousse por considerá-lo mais representativo da percepção do público leitor do século XIX. Vale notar ainda que o *Grand Dictionnaire* não só reproduz o conceito médico sobre a melancolia como faz referência às personagens literárias afetadas pelo mal. Entre a legião de aflitos encontrar-se-iam o Werther de Goethe, o René de Chateaubriand, o Obermann de Sénancourt, o Adolphe de Benjamin Constant, o Child-Harold e o Manfred de Byron, o Joseph Delorme de Saint-Beuve etc. Outros tantos completarão a lista no verbete sobre o *spleen*⁶. Também a contextualização é bastante significativa para meus propósitos: “Aux époques de crise, après les grandes commotions sociales et politiques, la mélancolie réparaît, plus âpre e plus violente.” Componho a seguir uma síntese em que procuro

⁴ Ver o conto “A queda da casa de Usher” em que Allan Poe (2003, p.7) descreve a mórbida hipocondria de Roderick Usher, um rico proprietário e herdeiro de família tradicional.

⁵ A expressão “as muletas do bom Larousse” é usada por Machado na crônica d’*A Semana* de 2 de outubro de 1892 (ASSIS, 1997, v.3, p.547).

⁶ Facilmente poder-se-ia acrescentar à galeria de melancólicos personagens criados por autores com os quais Machado de Assis tinha afinidades, tais como Rabelais, Shakespeare, Cervantes, Sterne, De Maistre, Diderot etc, mas isso nos levaria muito além do propósito deste artigo.

me ater aos termos e às expressões utilizadas na descrição da natureza, causas e efeitos das duas afecções sobre os corpos e as mentes dos infelizes⁷.

A hipocondria era observada com mais frequência em homens que em mulheres e se caracterizava por diversos distúrbios nas funções digestivas e circulatórias, notadamente por uma dispepsia flatulenta, palpitações e falta de ar, acompanhada de uma tendência à depressão decorrente de um exagero dos próprios sofrimentos. Segundo um especialista citado no Larousse (1866-1876), hipocondria era uma das numerosas formas de monomania melancólica, ou lipemania, que consiste basicamente em uma meditação exagerada e intensa sobre o seu **eu psíquico**, o estado de seu corpo e sua própria saúde. Em outras palavras, era um terror extremo de ser afetado por doenças que se julgava serem perigosas, incuráveis e suscetíveis de conduzir à morte.

Noséculo XIX, distinguiram-se três períodos no desenvolvimento da hipocondria. No primeiro, a pessoa era assaltada por preocupações puramente imaginárias sobre o seu estado de saúde. Prisioneira de certos pressentimentos sinistros sua atenção se fixava sobre os sintomas característicos da doença que ela acreditava ter. A maior parte dos hipocondríacos preocupava-se com as vias digestivas, uns realizavam a todo instante um exame atento da língua e da boca, outros voltavam suas atenções para os resíduos da digestão chegando a provar de suas próprias fezes. Aqueles que se inquietavam com os órgãos da respiração logo se julgavam tuberculosos; enquanto que os que se fixavam sobre o sistema circulatório imediatamente imaginavam-se doentes do coração. Havia ainda alguns que se afligiam com os genitais e outros que pensavam sofrer de problemas que afetavam a cabeça.

Essa primeira fase podia durar anos sem ser acompanhada das menores lesões físicas. Porém, depois de certo tempo exposto diariamente a um tratamento qualquer que acreditava necessário ao seu mal, o indivíduo chegava a um verdadeiro estado patológico.

Definia-se então o segundo estágio, quando os órgãos ou as partes do corpo que o doente imaginava atacadas passavam a apresentar lesões reais. Assim, após

⁷ O livro *The anatomy of melancholy* de Robert Burton, publicado em 1621 sob o pseudônimo de *Demócrito Júnior*, revisto e ampliado pelo autor até 1638, sistematiza uma longa série de representações da melancolia que remonta a comentários e interpretações de textos e fragmentos de autores da antiguidade e de seus apócrifos. Dentre os principais estão Platão, Aristóteles, Hipócrates, Galeno e Avicena. É importante ressaltar que a obra de Burton e seu tema estão vinculados à tradição da sátira menipéia. O *abstract* em versos do livro destaca os sintomas e as características principais da melancolia, comentados na sequência deste texto. Já no frontispício estão representados de forma emblemática a zelotípiã, a solidão, o hipocondríaco, o maníaco, o apaixonado (*Inamorato*), o supersticioso e Demócrito de Abdera anatomizando animais em busca da sede da **bile negra**. Sobre a relação entre Machado de Assis e a sátira menipéia ver Sá Rego (1989).

haver ingerido muitos tônicos quando se sentia debilitado, ou emolientes quando supunha alguma inflamação, o hipocondríaco finalmente apresentará a digestão lenta e difícil da dispepsia, ou qualquer outro sintoma que caracterize a lesão das vias digestivas.

No terceiro período, o doente, sob a influência do regime das idéias melancólicas e das inquietações constantes, desenvolverá enfermidades orgânicas graves como a tuberculose e o câncer, que sucederiam às perturbações puramente funcionais que existiam a princípio. Entretanto, a sucessão regular destes três estágios era rara de ser observada, e freqüentemente, a doença era surpreendida em suas duas primeiras etapas.

Desta forma, a hipocondria era considerada uma doença essencialmente crônica, e de longa duração. O principal problema consistia em que a doença era muitas vezes vista como um hábito, conservando-se durante meses ou anos até que a pessoa se convencesse da necessidade de um tratamento específico sobre seu estado nervoso e impressionável. Quanto mais avançada a idade do doente mais difícil se tornava a sua recuperação, e ainda que se restabelecesse, ele conservava um estado nervoso sujeito a acessos súbitos e recaídas.

Os hipocondríacos eram tomados pela mais sombria tristeza, inquietude, irascibilidade e desgosto pela vida, chegando alguns ao suicídio; mas apesar de seus sofrimentos intensos a maior parte deles aparentava boa saúde, o que também dificultava um diagnóstico precoce. Geralmente, a manifestação da hipocondria era observada em homens entre os trinta e os quarenta anos de idade, dos quais se acreditava possuísem as faculdades sensitivas e morais extremamente excitadas e desenvolvidas. Conforme o Larousse, essa predisposição da sensibilidade associada ao temperamento nervoso, às profissões intelectuais, ao abuso dos prazeres sexuais, uma má educação, e os estados contínuos de tristeza, vigília, ciúmes e medo, caracterizavam os quadros mais comuns dessa patologia.

Portanto, no século XIX a hipocondria era considerada na imensa maioria dos casos uma **afecção moral** e o seu tratamento deveria objetivar unicamente o restabelecimento do equilíbrio moral. Devido à sua origem imaginária, ou psíquica, os medicamentos eram considerados inúteis na cura, já que não podiam modificar o estado intelectual do paciente, mas mesmo assim eram administrados para combater as perturbações nervosas ou orgânicas conseqüentes. Visando a ação sobre as condições psicológicas e morais do hipocondríaco aconselhavam-se as distrações, as viagens, passeios a cavalo, exercícios físicos, ou qualquer ocupação que absorvesse as atenções do doente.

Notava-se uma extrema semelhança entre a hipocondria e a conhecida **doença negra** dos ingleses, denominada spleen. O Larousse sublinha as mesmas desordens

nervosas, as febres e as dores na cabeça e nas entranhas, o mesmo estado habitual de tristeza, a ausência de desejo, de vontade, de inteligência etc. que resultavam no desgosto pela vida, na descrença na possibilidade de cura e em uma propensão ao suicídio que, algumas vezes, se efetivava.

É justamente pelo **baço** ou spleen, que o inglês deriva do grego splénos (baço), que se ligam hipocondria e melancolia. Desde a antiguidade acreditou-se que essa pequena víscera linfóide metida no hipocôndrio esquerdo fosse o órgão sede de um dos quatro humores que determinavam a índole de cada indivíduo, e que o excesso de secreção da bile negra produzida por ele era a causa daqueles dois males. A palavra grega melankolía, cuja correlata latina é atrabilis, não significa outra coisa que **bile negra** e dela decorrem a **cólera negra**, o **humor negro**, o **mau gênio** e o **mau humor** que os antigos associavam ao temperamento melancólico, à irascibilidade e à hipocondria.

Não é difícil perceber as relações que se estabeleceram entre esse suposto **humor** secretado pelo baço e as idéias de misantropia, soturnidade, taciturnidade, tédio etc. A melancolia no século XIX foi compreendida na linguagem usual como a indicação de um estado de espírito triste e sombrio, raras vezes como uma doença. Mas sob a ótica médica do oitocentos ela não era vista apenas como uma predisposição à tristeza ou à meditação pessimista, e sim como uma patologia com contornos bem definidos.

A melancolia ou lipemania era caracterizada por idéias delirantes de natureza triste e por uma depressão que poderia levar ao estupor. A associação desses dois elementos, o delírio e a depressão, em proporções diversas, é que constituíam sua essência. Quanto maior era a atividade do delírio mais se acentuava a depressão, e quanto mais essa se aprofundava mais as idéias delirantes ganhavam energia e nitidez, até que a consciência se perdesse entre o vago e a confusão de espírito, e o delírio se revelasse por meio de manifestações automáticas, desconexas e sem vigor.

As causas habituais a que se atribuía a melancolia eram as contrariedades e a tristeza prolongada, os conflitos morais incessantes, as fadigas físicas e psíquicas, as privações, as lembranças dolorosas recorrentes, e toda a sorte de situações particularmente depressivas. Ela podia aparecer subitamente, mas em geral, desenvolvia-se de forma lenta. Na descrição do Larousse, a melancolia principiava por uma **idéia fixa** de natureza triste, que se insinuava ao espírito abatido e ganhava pouco a pouco terreno até invadir a inteligência, comunicando a todos os pensamentos uma tristeza uniforme. As ilusões e as alucinações começavam a ocorrer em seguida, provocando acessos de medo e pavor sem motivos. Sobrevinham então as idéias hipocondríacas que se misturavam e agravavam o estado de depressão, os doentes acreditavam que tinham o tubo digestivo obstruído, que seus intestinos estavam revertidos e lamentavam-se de não poderem urinar. Alguns imaginavam que partes de

seu corpo se transformaram ou se anestesiaram, acreditavam que haviam mudado de sexo, que não tinham mais pernas etc. Outros sustentavam que seus corpos estavam em decomposição, que exalavam um odor pútrido e pensavam constantemente em suicídio.

Em conjunto com essas perturbações mentais registravam-se sintomas orgânicos não menos característicos. Os traços da face contraídos e enrijecidos exprimiam ansiedade e sofrimento, o olhar cabisbaixo, as sobrancelhas cerradas e a expressão severa, imóvel e insensível, indicavam uma profunda concentração do pensamento. Quando o estupor se completava, essa paralisia facial se impunha como uma máscara sobre o rosto, e o indivíduo assumia exatamente a aparência de quem é acometido por febre tifóide; a boca entreaberta, o lábio inferior proeminente e fuliginoso, as narinas pulverulentas e o olhar assombrado e imbecil. As atitudes são extremamente apáticas, os movimentos são lentos e irregulares, a voz baixa e a fala vagarosa, enquanto todos os músculos do corpo entram numa espécie de resolução.

Como na hipocondria os melancólicos também apresentavam sérios distúrbios nas funções digestivas, na respiração, no sistema circulatório e no sono, quase nulo e muito agitado. Mas com relação à sensibilidade física, eram freqüentes fenômenos bem particulares como a anestesia e a analgesia, além de uma espécie de resfriamento das extremidades dos membros.

Conheciam-se várias formas distintas de manifestação da melancolia. Em alguns casos não ocorriam delírios, mas os doentes eram tomados de uma tal impotência e apatia que não tinham forças para se alimentar. Noutros o delírio e a depressão se associavam em proporções inversas, variando singularmente de acordo com cada pessoa. Na sua forma mais agressiva, a melancolia com estupor, em que domina a depressão, os doentes ficavam mudos, imóveis e o semblante apresentava um aniquilamento completo de todas as funções da inervação, como numa estupidez absoluta. Em qualquer dessas manifestações a lipemania poderia ser contínua, remittente ou intermittente, sendo que nessa última as crises podiam variar em anos, meses, dias ou em períodos irregulares.

Mesmo nos casos mais brandos a recuperação do doente não ocorria em menos de quinze dias, porque não se verificava um acesso passageiro do delírio, como em outras manias. Quando não tratada adequadamente a melancolia passava a um estado crônico, que perdurava por um longo tempo podendo levar à morte após desencadear uma série de afecções viscerais. Em seu estado agudo era comum o doente sucumbir em consequência da incapacidade de se alimentar.

O tratamento recomendado era praticamente o mesmo da hipocondria, compreendendo dois meios terapêuticos. Um para controlar as perturbações físicas que acometiam o paciente e o outro para combater diretamente a depressão e suas

causas. Esperava-se uma cura lenta e gradual com um acompanhamento constante do quadro da doença. Aconselhavam-se as emissões sanguíneas, nos casos de congestão passiva, os purgativos aloéticos, as lavagens frias e purgativas administradas cada manhã, que exerceriam sobre os vasos cerebrais uma ação depletiva. As práticas hidroterápicas, fricções com toalhas embebidas em loções, efusões e banhos, objetivavam reanimar a sensibilidade, aumentar o calor e ativar as secreções. Para combater a depressão eram importantes as distrações, os divertimentos, as leituras atraentes, os espetáculos e principalmente a música, como forma de despertar e estimular as emoções vivas, prender o interesse e a atenção do doente⁸.

Não é necessário muito esforço para demonstrar que esses dois infernos são um só. Hipocondria e melancolia se unem pelo ventre e pela cabeça. São causadas pelo mesmo demônio que dilacera ora as entranhas, ora o pensamento, enfim, são frutos de uma mesma indigestão física e moral. Para desenvolver essas apreciações e relacioná-las com o estado mental de Bento de Albuquerque Santiago, é preciso antes começar por um caso clínico-literário exemplar, que fornecerá os indícios para analisar o **Casmurro**. Vamos ao Brás.

Da volúpia do aborrecimento ao prazer das dores velhas

Quando retorna ao Rio de Janeiro em 1831, depois de bacharelar-se em “romantismo prático e liberalismo teórico” (Brás Cubas, cap. XX) em Coimbra, passear por uma Europa remoçada pela agitação política e literária e “fazer poesia efetiva no regaço da Itália” (Brás Cubas, cap. XXII), Brás Cubas reencontra sua mãe à beira da morte. O reumatismo era o menor dos males, um cancro comia-lhe o estômago de modo impiedoso e cruel. A enferma fora reduzida aos ossos, “que não emagrecem nunca” (Brás Cubas, cap. XXIII), e seu filho acompanha a longa e dolorosa agonia que a arrasta até o túmulo.

Conta-nos Brás que presenciar o espetáculo de ver sua mãe, uma criatura tão frágil, dócil, meiga e santa, lutar contra a morte, o deixara em estado de choque, “tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta” (Brás Cubas, cap. XXIII). Mesmo seu espírito medíocre, superficial e presunçoso, ficara profundamente abalado. Confessa que jamais o problema da vida e da morte lhe oprimira o cérebro: “[...] nunca até esse dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem...” (Brás Cubas, cap. XXIV).

⁸ Um estudo fundamental sobre a história dos tratamentos empregados para combater a melancolia foi escrito por Jean Starobinski, 1962. Já a obra mais substancial sobre a história da melancolia e suas representações literárias e artística da Antiguidade ao Renascimento é o clássico livro de Klibansky, Panofsky e Saxl (2006), *Saturno y la Melancolia*.

Após a missa fúnebre do sétimo dia, resolve retirar-se para a chácara da Tijuca de propriedade da família, levando apenas uma espingarda, livros, charutos e o moleque Prudêncio. Lá, isolado de tudo e atônito, é que algo especial começará a florir em seu íntimo.

Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil. – “Que bom que é estar triste e não dizer coisa nenhuma!” – Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso. Lembra-me que estava sentado, debaixo de um tamarindeiro, com o livro do poeta aberto nas mãos, e o espírito ainda mais cabisbaixo do que a figura, - ou jururu, como dizemos das galinhas tristes. Apertava ao peito a minha dor taciturna, com uma sensação única, uma cousa a que poderia chamar volúpia do aborrecimento. Volúpia do aborrecimento: decora essa expressão, leitor; guarda-a, examina-a, e se não chegares a entendê-la, podes concluir que ignoras uma das sensações mais sutis desse mundo e daquele tempo. (Brás Cubas, cap. XXV).

Foi o primeiro desabrochar da flor doentia do hipocôndrio, que prenunciava seus frutos amargos e indigestos. As Memórias Póstumas ilustram um caso **gravíssimo** de lipemania, poderia se dizer até exagerado, mas o exagero é a substância ativa desse mal. O próprio Brás Cubas expõe sua doença de maneira ostensiva, quando declara que sua morte deveu-se menos a pneumonia que contraíra, do que a sua “idéia grandiosa e útil” do emplastro anti-hipocondríaco, “destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (Brás Cubas, cap. II).

A idéia que persegue o ilustre representante dos Cubas tem a natureza particular das idéias que anunciam um surto melancólico. E a forma como narra seu acesso derradeiro representa a intensificação de sua angústia e acompanha a seqüência dos sintomas descritos no item anterior.

No princípio a idéia se agarra ao trapézio do cérebro de Brás, que é uma alusão ao aflitivo pêndulo de um relógio sem ponteiros, depois sorve toda a atenção do desgraçado com “arrojadas cabriolas de volatim” (Brás Cubas, cap. II), e no fim lhe impõe seu enigma insolúvel sob a ameaça da esfinge. Essa acrobata é filha do paradoxo e da obsessão, e prenuncia a tortura que sobrevém aos espíritos melancólicos. Nas suas memórias Brás lhe dedicou os últimos momentos da vida e um capítulo especial: **A Idéia Fixa.**

A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. (Brás Cubas, cap. IV).

Após algumas digressões que concluem pela volubilidade da história, o narrador proclama que são as “idéias fixas” que fazem “os varões fortes e os doudos” (Brás Cubas, cap. IV). E no capítulo seguinte arremata a argumentação sobre a causa de sua morte.

Senão quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo e não me tratei. Tinha o emplastro no cérebro; trazia comigo a idéia fixa dos doudos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. (Brás Cubas, cap. V)⁹.

À idéia fixa seguem-se os delírios e as alucinações. Na transição intercala-se um capítulo de autocomiseração diante de Vigília, que vê apenas manha no desengano do antigo amante: “- Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.” Diz a “imponente ruína” de 54 anos, ao filho que a acompanha (Brás Cubas, cap. VI). Vem então o delírio, relatado e comentado pelo próprio “cérebro enfermo”, mas que reproduz em detalhes a sintomatologia observada em casos graves. Quando Brás Cubas se vê transformado na Suma Teológica de São Tomás de Aquino em volume único, encadernado em marroquim e com fechos de prata, seu corpo apresenta “a mais completa imobilidade” (Brás Cubas, cap. VII). Arrebatado pelo hipopótamo que o leva à origem dos séculos sente intensas vertigens com a alucinada velocidade da cavalgada; ao penetrar mentalmente na “região dos gelos eternos” (Brás Cubas, cap. VII), não deixa de experimentar um congelamento dos membros, e quando abre os olhos diante da imensa e fantástica paisagem de neve provavelmente exhibe na expressão uma **estupidez absoluta**.

O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera-se que a vida das cousas ficara estúpida diante do homem. (Brás Cubas, cap. VII).

Corrigindo a frase egocêntrica de Brás, conclui-se que ele é que ficara estúpido diante das cousas, ou seja, atingira o estado de **estupor**. Chegara ao estágio mais avançado de sua melancolia. No diálogo que imagina com sua mãe e algoz, a Natureza,

⁹ A relação entre melancolia, loucura e o furor dos heróis trágicos, que Brás traduz por **doudos e fortes**, encontra-se em textos de Platão. Tal combinação foi desenvolvida no famoso *Problema XXX, 1*, atribuído a Aristóteles, considerado “a monografia sobre a bile negra”. A partir deste texto a melancolia irá adquirir um valor positivo, um indicativo de genialidade, mas sem perder a relação negativa com a loucura e a ira. Daí em diante a ambivalência será um traço característico dos **espíritos tristes** (KLIBANSKY; PANOFISKY; SAXL, 2006, p.29-64).

o narrador experimenta sentimentos variados de aflição, medo, estupefação, fascínio, pânico, angústia, chegando ao “riso descompassado e idiota” (Brás Cubas, cap. VII). Porém, a sensação que melhor caracteriza sua enfermidade e seu pavor à morte se dá diante da asserção mais incisiva da impassível Pandora.

– [...]; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos. (Brás Cubas, cap. VII).

A sensação de decomposição do próprio corpo é reveladora do alcance da afecção mental de Brás Cubas. A hipocondria atinge um nível tão agudo e extremo que o pavor da morte iguala-se a sua atração. Imaginar-se, ou antes, crer-se morto com uma consciência viva não deixa de ser o último lance de esperteza desesperada e inútil da vaidade humana para superar a morte, inflando o ego até à eternidade. Antes a voluptuosidade do aborrecimento que a angústia do nada, esta é a opção de Brás, que nunca experimentou em vida o ponto de vista do novilho, pois apenas preocupava-se, como uma onça humana e glutona, em saber se a presa era tenra ou não: “[...] coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto.” (Brás Cubas, cap. CLX)¹⁰.

Não se deve desconsiderar a observação de Virgília sobre o “grande manhoso” (Brás Cubas, cap.VI), que nas palavras do seu criador “se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo”¹¹. Também a declaração do **autor que se crê defunto** de que escrevera suas memórias “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” deve ser encarada como um aviso de que a obra é fruto de seu “cérebro enfermo” (Brás Cubas, cap.VII), ou para ser mais preciso, de sua indigestão mental, que é a conseqüência de toda **idéia fixa**. Sua obsessão mórbida é confirmada ainda na dedicatória ao verme que iniciaria a árdua e tediosa tarefa da decomposição de seu excelentíssimo cadáver.

O caso de Brás Cubas encontra paralelos em dois contos de Edgar Allan Poe. Em “A queda da casa de Usher” o personagem Roderick e sua irmã gêmea Madeline sofrem de uma hipocondria cujas perturbações mentais e físicas são descritas de

¹⁰ A Pandora imaginária de Brás é quem explica a lei do egoísmo e da conservação pelo raciocínio da onça. (Brás Cubas, cap. VII).

¹¹ Essa observação é feita por Machado de Assis no prólogo à terceira edição das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

modo minucioso pelo narrador, que imagina a contaminação da própria mansão Usher, e sugere que a origem da doença tenha algo a ver com uma certa deficiência genealógica. Contava-se que do “tronco da estirpe dos Usher” (POE, 2003), nunca surgira um ramo que vingasse e a família só se perpetuara em linha direta, de pai para filho. As observações indicam uma relação entre a melancolia e o exclusivismo da aristocracia em suas alianças familiares.

Já no conto “Berenice” é o próprio lipemaniaco quem relata seu infortúnio, como nas Memórias Póstumas. Egeu é o herdeiro da família mais rica e ilustre de sua terra natal, que desenvolve uma espécie de monomania que lhe excita sobremodo o que chama de “faculdade de meditação” (POE, 2003) e o torna um prisioneiro perpétuo das idéias fixas. No seu caso a origem do mal além de se ligar a sua linhagem nobre, que fora chamada de “raça de visionários”, relaciona-se com sua educação espiritual adquirida em meio “aos estranhos domínios do pensamento e da erudição monásticos” (POE, 2003) que encontrava na grande biblioteca da mansão em que fora criado. Uma doença fatal que atingira sua prima Berenice, em quem operou terríveis transformações morais e físicas, desencadeia as crises agudas em Egeu. Seu relato, como não poderia deixar de ser, é extremamente angustiante e exemplar do ponto de vista clínico e literário.

Essa monomania, se assim posso chamá-la, consistia de uma irritabilidade mórbida daquelas faculdades do espírito que, na ciência metafísica, são denominadas **atentas**. É mais que provável que eu não esteja sendo compreendido – mas receio que, na verdade, não haja maneira possível de dar à maioria dos leitores uma idéia adequada dessa nervosa **intensidade de interesse** com que, em meu caso, a faculdade de meditação (para não empregar termos técnicos) se ocupava e aprofundava na contemplação mesmo dos objetos mais triviais do universo. (POE, 2003, p.53-54, grifo do autor).

As memórias de Brás Cubas sugerem várias afinidades entre o desenvolvimento da hipocondria na maturidade e a origem social e educação dos que se esforçam por cultivar os sobrenomes ilustres e as genealogias heróicas, invariavelmente falsas. No capítulo “O menino é o pai do homem”, o narrador expõe os principais nutrientes que absorveu no seio familiar e que deram forma e substância ao seu caráter. Com a sinceridade dos mortos, ou melhor, dos loucos que se imaginam mortos, Brás resume a essência de seu meio doméstico: “ – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.” (Brás Cubas, cap. XI). No capítulo seguinte proclama a filosofia pessoal que iluminara sua cabeça infantil em 1814: “Nunca mais deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre

maior que a espada de Napoleão.” (Brás Cubas, cap. XII). Vaidade das vaidades, eis o eterno tormento dos gentis-homens que ocupam o tempo em conceber um meio de brilhar para sempre acima das turbas, tal qual água imortal.

Porém, se nas Memórias Póstumas a doença do protagonista e suas causas são expostas de um modo ostensivo, outro é o caso de Dom Casmurro, cujo aspecto patológico a princípio só foi percebido quando se considerou o ciúme doentio. Entretanto, analisado com mais cuidado, Bento Santiago apresenta vários indícios de crises melancólicas, aparentemente mais brandas que a de Brás Cubas.

Há várias aproximações possíveis entre os dois casos, começando-se pela classe social e pela filosofia egocêntrica. Não por acaso, Santiago aprecia certas sensações especiais, amanhadas pelo seu antecessor literário. Depois de relatar o seu desespero advindo de uma crise de ciúmes, quando desconfiou da troca de olhares entre Capitu e um cavaleiro que passara pela rua, o Casmurro dedica um capítulo ao “prazer das dores velhas”.

Contando aquela crise do meu amor adolescente, sinto uma coisa que não sei se explico bem, e é que as dores daquela quadra, a tal ponto se espiritualizaram com o tempo, que chegam a diluir-se no prazer. Não é claro isto, mas nem tudo é claro na vida ou nos livros. A verdade é que sinto um gosto particular em referir tal aborrecimento, quando é certo que ele me lembra outros que não quisera lembrar por nada. (Dom Casmurro, cap. LXXVII).

Encontramos aqui o correlato da **volúpia do aborrecimento**, que na linguagem casmurra tornou-se o **prazer das dores velhas**. Esse aspecto peculiar à melancolia está brilhantemente condensado no “Corvo” de Edgar Allan Poe, cuja versão para o português de Machado de Assis é famosa. No ensaio em que explica o processo de elaboração do poema, Poe descreve o mecanismo secreto que agitava os espíritos atormentados e entediados. A certa altura, após definir a extensão, a província e o tom do poema, que deveria ser a melancolia, “a mais legítima das tonalidades poéticas”, o autor se deparou com a dificuldade de combinar as idéias de um amante lamentando a perda da mulher amada e a de um corvo que, pela repetição monótona da mesma palavra – Never more, reproduziria o efeito artístico universal do refrão e as qualidades essenciais da tristeza profunda. A maneira mais plausível de empregar a repetição contínua da mesma palavra e, ao mesmo tempo, variar sua aplicação, era imaginar que o Corvo respondia às perguntas do amante.

E então aí vi, imediatamente, a oportunidade concedida para o efeito do qual eu tinha estado dependente, isto é, o efeito da **variação da aplicação**. Vi que poderia fazer da primeira pergunta, apresentada pelo amante – a primeira pergunta a que o Corvo deveria responder Never more –, que poderia fazer

dessa primeira pergunta um lugar-comum, da segunda uma expressão menos comum, da terceira ainda menos, e assim por diante, até que o amante, arrancado de sua displicência primitiva, pelo caráter melancólico da própria palavra, pela sua freqüente repetição e pela consideração da sinistra reputação da ave que a pronunciava, fosse afinal excitado à superstição e loucamente fizesse perguntas de espécie muito diversa. Perguntas cujas respostas lhe interessavam apaixonadamente ao coração, fazendo-as num misto de superstição e daquela espécie de desespero que se deleita na própria tortura, fazendo-as não porque propriamente acreditasse no caráter profético, ou demoníaco da ave (que a razão lhe diz estar apenas repetindo uma lição aprendida rotineiramente), mas porque experimentaria um frenético prazer em organizar suas perguntas para receber, do **esperado** never more, a mais deliciosa, porque a mais intolerável, das tristezas. Percebendo a oportunidade que assim se me oferecia, ou, mais estritamente, que se me impunha no desenrolar da composição, estabeleci na mente o clímax, ou a pergunta conclusiva: aquela pergunta de que o Never more seria, pela última vez, a resposta; aquela pergunta em resposta à qual o Never more envolveria a máxima concentração possível de tristeza e de desespero. (POE, 1999, p.107-108, grifo do autor).

Pode-se transpor para Santiago muitas conclusões do caso Cubas, pois ambos os fidalgos foram afeiçoados “à contemplação da injustiça humana” e à “felicidade barata” da religião de São Brás, não o advogado da garganta, mas o da filosofia senhorial, que ensina a mortificar os pés para **desmortificá-los** depois (Brás Cubas, caps. XI e XXXVI). Contudo, seria proveitoso estudar as diferenças entre o estupor de 1869 e a taciturnidade de 1897. Um caminho seguro é pensar na influência que exerceu a escravidão na formação moral dos senhores de escravos, afinal, é essa instituição que caracteriza e distingue a aristocracia brasileira do império das suas irmãs da Europa.

Não pode, para concluir, ser objeto de dúvida que a escravidão transportou da África para o Brasil mais de dois milhões de africanos; que, pelo interesse do senhor na produção do ventre escravo, ela favoreceu quanto pôde a fecundidade das mulheres negras; que os descendentes dessa população formam pelo menos dois terços do nosso povo atual; que durante três séculos a escravidão, operando sobre milhões de indivíduos, em grande parte desse período sobre a maioria da população nacional, impediu o aparecimento regular da família nas camadas fundamentais do país; reduziu a procriação humana a um interesse venal dos senhores; manteve toda aquela massa pensante em estado animal; não a alimentou, não a vestiu suficientemente; roubou-lhe as suas economias, e nunca lhe pagou os seus salários; deixou-a cobrir-se de doenças, e morrer ao abandono; tornou impossível para ela hábitos de previdência, de trabalho voluntário, de responsabilidade própria, de dignidade pessoal; fez dela o jogo de todas as paixões baixas, de todos os caprichos sensuais, de todas as vinditas

cruéis de uma outra raça.

É quase impossível acompanhar a ação de tal processo nessa imensa escala – inúmeras vezes realizado por descendentes de escravos – em todas as direções morais e intelectuais em que ele operou e opera; nem há fator social que exerça a mesma extensa e profunda ação psicológica que a escravidão quando faz parte integrante da família. (NABUCO, 2000, p.102)

Esse trecho d'O Abolicionismo, de 1883, mostra a consciência que alguns contemporâneos de Machado de Assis tinham da profunda influência da escravidão sobre os hábitos mentais e a visão de mundo da classe senhorial, além de sublinhar a total responsabilidade dos senhores nessa tragédia humana¹². Em outra passagem de sua obra, Joaquim Nabuco faz distinção entre a geração de 1850 e a que a sucedeu, uma fora educada na tolerância do tráfico enquanto a outra passou a considerá-lo o maior dos crimes, embora aceitasse a manutenção da escravidão tanto como a anterior. O caso é que a Lei Eusébio desconsiderou, mas não revogou, a de 7 de novembro de 1831, que já havia proibido o tráfico de africanos, e acabou legitimando a propriedade escrava ilegal introduzida após a lei da Regência (NABUCO, 2000). A diferença de sensibilidade entre as gerações, talvez, seja a chave para se entender a diferença entre a volúpia e o prazer senhorial. Poderíamos pensar ainda na dissimulação e na desfaçatez de classe, evidenciada por Roberto Schwarz (1990), que mudam de tom e me parece que se intensificam com Santiago. O tema da melancolia guarda um miolo gaiato, é mais que provável que Machado de Assis, no que diz respeito à profunda tristeza dos bem nascidos, partilhasse de uma opinião de Montaigne (1990, p.58):

*Je suis des plus exempts de cette passion, et ne l'aime ni l'estime, quoique le monde ait pris, comme à prix fait, de l'honorer de faveur particulière. Ils en babillent la sagesse, la vertu, la conscience: sot et monstrueux ornement. Les Italiens ont plus sortablement baptisé de son nom la malignité. Car c'est une qualité toujours nuisible, toujours folle, et comme toujours, couarde et basse, les Stoïciens en défendent le sentiment à leurs sages*¹³.

¹² Sidney Chalhoub (2003) aponta, em seu estudo *Machado de Assis, Historiador*, que a consciência de que a escravidão constituía toda “a base do edifício social” se tornou extremamente **aguda**, principalmente entre os defensores do *status quo* senhorial, durante os debates que envolveram o projeto da lei que posteriormente chamou-se *Ventre Livre*. Ver especialmente no capítulo 4 as opiniões de Perdigão Malheiros, do deputado Pinto Moreira e de Paulino José Soares de Souza (o filho do visconde de Uruguai), no item “Pecúlio e alforria forçada” (CHALHOUB, 2003, p.182-192).

¹³ Este parágrafo abre o capítulo II dos *Essais*, intitulado “De la tristesse”. Em uma tradução aproximada: “Sou dos mais isentos desta paixão, não a amo nem estimo, embora o mundo a valorize e aprecie, rendendo-lhe favor especial. Com ela adornam a sabedoria, a virtude, a consciência: estúpido e monstruoso ornamento. Os italianos, mais convenientemente, batizaram com seu nome a malignidade. Pois ela é uma qualidade sempre nociva, sempre insensata, e como sempre, covarde e vil. Os estóicos proíbem tal sentimento aos seus sábios.”

Dos Cubas aos Santiagos há uma continuidade que marca a constituição psíquica e moral da elite brasileira, a escravidão. Uma essência que o verniz civilizado da forma e da erudição não deveria esconder dos leitores que desconfiam dos aborrecidos de barriga cheia. Há que se salientar, por fim, que em Platão a melancolia é um sintoma característico da pior de todas as almas. Conforme o capítulo IX da República, “[...] um homem se faz um perfeito tirano quando, por natureza ou por hábito, ou por ambas as razões, está sujeito à embriaguez, à voluptuosidade e à melancolia.” (PLATÃO, República, 573c). As aproximações entre os espíritos tirânicos, submetidos ao império de Eros, e o dos senhores de escravos, oferecem a possibilidade de entrever a crítica perspicaz do bruxo do Cosme Velho aos casmurros de seu tempo¹⁴.

CAVALLINI, Marco Cícero. Spleen and slavery: the melancholy of the seigneurial class in Dom Casmurro and Brás Cubas. **Revista de Letras**, São Paulo, v.48, n.2, p.89-110, July./Dec. 2008.

- **ABSTRACT:** *This article proposes a reflection on the meanings of melancholy in the novels of Machado de Assis.*
- **KEYWORDS:** *Machado de Assis. Melancholy. Slavery.*

Referências

ASSIS, M. de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. 3.v.

AULET, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: feito sobre um plano inteiramente novo. Direção confiada ao dr. Antonio Lopes dos Santos Valente. 1.ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2.v.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos e oferecido a El Rey de Portugal D. João V**. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 10.v.

¹⁴ Em minha tese de doutorado procuro deslindar as relações entre a forma como Machado de Assis caracteriza os personagens da classe senhorial, sempre melancólicos, e a sua crítica à sociedade do Segundo Reinado e à escravidão (CAVALLINI, 2005).

- CALDWELL, H. **O Otelô brasileiro de Machado de Assis**. 2.ed. São Paulo: Ateliê, 2008.
- CAVALLINI, M. C. **Letras políticas: a crítica social do Segundo Reinado na ficção de Machado de Assis**. 2005. 175f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- CHALHOUB, S. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- COROMINAS, J. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Con la colaboración de José A. Pascual. Madrid: Gredos, 1991.
- CORTESÃO, A. A. **Subsídios para um dicionário completo (histórico-etimológico) da língua portuguesa**. Coimbra: Amado, 1900. 2.v.
- FARIA, E. A. de. **Novo dictionario da língua portugueza**. 4.ed. Rio de Janeiro: J. Villeneuve, 1859. 2.v.
- GLEDSON, J. **Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro**. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- KLIBANSKY, R.; PANOFSKY, E., SAXL, F. **Saturno y la melancolia: estudios de historia de la filosofia de la naturaleza, la religion y el arte**. Versión española de María Luisa Balseiro. Madrid: Alianza, 2006.
- LAROUSSE, P. (Org). **Grand dictionnaire universel du XIXe. siècle**. Paris: Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1866-1876.
- MACHADO, J. P. **Diccionario etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1954.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Vida e obra de Machado de Assis: aprendizado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. v.1. (Coleção Vera Cruz, v.320).
- MASCARENHAS VALDEZ, M. do C. e Castro. **Diccionario espanhol-português: el primero que se ha publicado con las voces, frases, refranes y lucuciones usadas en España y Americas españolas, en el lenguaje común antiguo y moderno: las ciencias y artes de medicina, veterinaria, química, mineralojía, historia natural y botánica: comercio y náutica: con algunos nombres propios, y así las voces particulares de las provincias Españolas y Americanas, etc**. Lisboa: Imprenta Nacional, 1864.
- MONTAIGNE, M. de. **Essais: livre premier**. Paris: Gallimard, 1990.

NABUCO, J. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1932.

PLATÃO. **Tutte le opoere**. Roma: Newton & Compton, 1997. v.4. (Grandi tascabili economici, 450).

POE, E. A. **Histórias extraordinárias**. Tradução de Brenno Silveira et alli. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

_____. A filosofia da composição. In: _____. **Poemas e ensaios**. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. 3.ed. rev. São Paulo: Globo, 1999. p.101-114.

REGO, E. J. de S. **O calundu e a panacéia**: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SILVA, A. de M. **Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora...** 2.ed. novamente emendado e muito accrescentado. Lisboa: Lacerdina, 1813. 2.v.

STAROBINSKI, J. **História del tratamiento de la melancolia desde los orígenes hasta 1900**. Lima: Universidad de Lima, 1962.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande dictionário portuguez ou thesouro da lingua portugueza**. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

VITERBO, J. de S. R. de. **Elucidário das palavras, termos e phrazes que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nos se conservam. 1.ed. 1798-1789. 2.ed. Lisboa: A. J. F. Lopes, 1865.